

PECUÁRIA

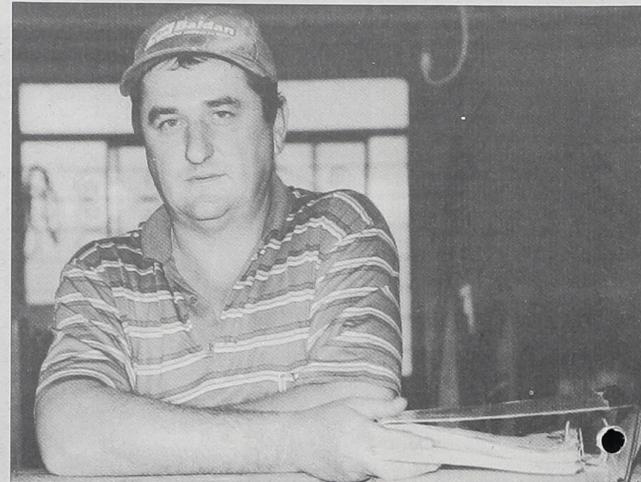
Oeste investe na pecuária leiteira

Criadores melhoram manejo para produzir mais



Fotos de Helenório Zanella

Rebanho de Sta. Terezinha de Itaipú tem 300 cabeças



Luiz Puhl: investimentos de US\$ 100 mil

Ana Maria Mejia
Foz do Iguaçu (PR)

A introdução da pecuária leiteira no Oeste do Paraná quase esbarra na falta de conhecimento por parte dos tradicionais agricultores e no hábito de que a mulher, além dos afazeres domésticos, cuida dos bichos, a maioria aves caipiras para consumo da família, ou suínos. Esta observação foi feita por técnicos da Cooperativa Três Fronteiras (Cotrefal), que tem 5 mil filiados na região desde que o governo do Estado começou a incentivar a diversificação da propriedade finan-

ciando a compra de gado leiteiro, vindo do Uruguai.

No último ano em que os produtores começaram a investir na atividade, o rebanho cresceu e hoje, em Santa Terezinha de Itaipu, tem 300 animais para um total de 30 pessoas. Segundo o veterinário Márcio Giroto, que há 7 meses acompanha o desempenho dos animais e presta informações aos novos pecuaristas, houve uma melhoria sensível no tratamento e alguns já começam a atingir a produção de qualidade.

Carlos Stacheski, pequeno produtor dono de 5 alqueires de terra, é considerado um modelo: tem 250 litros diários de leite obtidos com uma boa alimentação para o rebanho de 120 animais. Já dispõe de silagem garantindo comida para o período mais difícil e faz ordenha mecânica. Luiz Puhl é médio produtor que investiu US\$ 100 mil na compra de 47 animais, dos quais 27 estão produzindo 350 litros/dia. "A média é razoável, pois o ideal seria acima de 15 litros/dia por vaca", diz o veterinário. Apostando na

diversificação Luiz tem suínos, aves caipiras, ovinos, abelhas, e um pomar numa área de 60 alqueires, onde também planta soja, trigo, canola e aveia para pastagem.

A rotina da família de Marcos Morona, 43 anos, começa às 4 horas da madrugada com a ordenha feita pela mulher Albertina. Isto desde que ele optou pela pecuária de leite como alternativa para fugir dos prejuízos anuais do plantio de soja e trigo. Há três meses Morona comprou 18 vacas de leite - 9 holandesas vindas do Uruguai e 9 girolanda, através da Cooperativa Três Fronteiras (Cotrefal) que dá assistência a 5 mil associados no Oeste do Estado. Na negociação entrou um trator usado na agricultura.

Disposto a dar prioridade à nova atividade o ex-agricultor foi surpreendido pelo trabalho estafante para atender todos os animais de forma correta e garantir a produção de leite, de acordo com a capacidade ideal do animal. Albertina se reveza na ordenha, nos trabalhos domésticos junto com as duas filhas e

auxilia no trato dos animais.

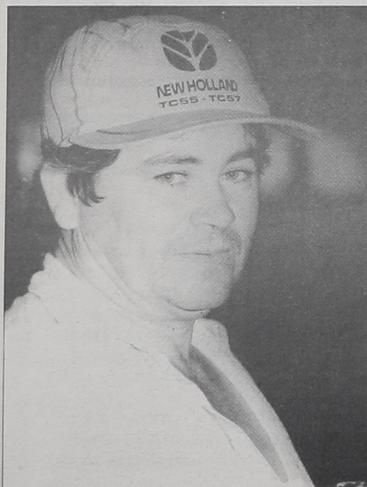
Com seis vacas na fase de lactação eles retiram em média 50 litros por dia, considerado muito abaixo da potencialidade dos animais leiteiros que podem produzir até 25 litros/dia por animal. Na sua nova atividade Morona começou a fazer adaptações, com o auxílio técnico da Cotrefal que tem insistido na produção de silagem exclusiva para o gado, muito cuidado no tratamento para que haja retorno financeiro a médio prazo.

Uma das opções feitas por

Morona foi abandonar outras atividades e se dedicar exclusivamente à pecuária. Investiu suas economias na construção da área exclusiva para ordenha e alimentação dos animais. Ele calcula ter gasto até agora desde a compra dos animais, em torno de US\$ 25 mil, numa propriedade de 6 alqueires. Há 36 anos vivendo no município de Santa Terezinha de Itaipu, ele quer ver se deixa a tradição agrícola a que sempre se dedicou. "Pode ser uma nova vida, mas dá muito trabalho", diz.



O gado leiteiro foi importado do Uruguai



Marcos Morona: todas as economias na pecuária

AGRICULTURA

Plano Real preocupa produtores

Arrocho salarial inibe aumento de compra de alimentos

Vânia Casado

A proximidade da implementação do Plano Real está preocupando os produtores rurais. A fixação da taxa de câmbio e a incerteza com relação à conversão dos preços mínimos em real são fatores determinantes para estancar qualquer euforia provocada pela expectativa de aumento do consumo de produtos básicos.

O Plano inicia junto com a entressafra de produtos agrícolas e encontra estoques, em poder da iniciativa privada, ajustados com o consumo. Os armazéns estão cheios de grãos, por conta de uma boa safra de 74 milhões de toneladas e oferta de carne e leite. Além disso será implementado fora do período de plantio e colheita da safra, característica de planos anteriores que prejudicava a produção agrícola, em consequência do rompimento das regras vigentes.

Contra o setor, existe a ameaça das importações de alimentos, favorecidas pela abertura do mercado, alertou Francisco Simioni, técnico do Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura. As taxas estão baixíssimas e hoje importa-se o que quiser e a mercadoria é internalizada num período máximo de 40 dias, acrescentou.

O setor cooperativista teme pela adoção, mais uma vez, de uma política de importação e exportação equivocada que provoque desastres na produção. Como já aconteceu com o trigo e algodão, onde o Paraná, que se destaca como maior produtor, foi o maior penalizado com a importação desses produtos, subsidiados na origem, o que eliminou condições de competitividade com

a produção nacional. Por outro lado, dependendo da taxa de câmbio, se houver dificuldades para exportação com a sobrevalorização do Real, pode haver desemprego em massa neste segmento.

Para Nelson Costa, chefe do Departamento Econômico da Ocepar, qualquer rompimento das regras

incertezas a Ocepar vem orientando os produtores cooperados para que não façam vendas volumosas até que se conheça com clareza as regras do Plano Real. Costa revelou apreensão quanto a possível adoção de tablitais que podem provocar perdas para o setor.

ano. Este ano, previu Simioni, a entressafra não vai pressionar os custos, já que os estoques estão ajustados com o consumo. Só o milho safrinha, cuja expectativa de colheita está estimada em 1,2 milhão de toneladas, vai contribuir com uma safra de 8,2 milhões de t. só no Paraná.

No País o consumo está avaliado em 30 milhões de toneladas, para uma produ-

ção de 29,2 milhões de t. No entanto, os estoques de passagem (carry over) de aproximadamente dois milhões de toneladas garantem a normalidade no abastecimento. Por outro lado, qualquer acréscimo no consumo além do esperado, disse o técnico, poderá ser suprido pela produção argentina, que tem milho sobrando e coloca o produto aqui a preços competitivos.

Arrocho salarial

É consenso entre os técnicos da Ocepar e da Secretaria da Agricultura que o Plano Real provoque um aumento no consumo de produtos como arroz, feijão, milho e mandioca. Mas acreditam numa bolha de consumo de no máximo até 90 dias, até que passe a ilusão de que os juros nominais correspondiam apenas à correção monetária. Os pontos obscuros como período de vigência da fixação da taxa de câmbio, possibilidade de reposição salarial é que vão determinar o aumento no consumo, disse o técnico Francisco Simioni.

Isso porque o plano econômico chega num momento de extremo arrocho salarial, que inibe a compra de produtos no mercado interno. Enquanto os empresários da indústria e comércio tiveram quatro meses para remarcar preços, transferindo os ganhos do mercado financeiro para a margem de lucro, os salários ficaram engessados com a URV, avaliou o técnico.

Em consequência dessa distorção do setor agrícola não está esperando explosão de consumo, o que leva a crer que os estoques, em geral, serão suficientes para suprir o mercado. Estão descartadas, inclusive, importações de milho que em anos anteriores completavam o abastecimento do mercado durante o

Abastecimento ameaçado

No balanço geral de oferta e demanda de feijão, o mercado está razoável, sendo suprido com boa safra do Nordeste de feijão de cor. Mas a ameaça de importação do produto, se houver, recai sobre o feijão preto, produto crucial para o abastecimento do mercado do Rio de Janeiro, um dos mais importantes do país, e por isso, para o bom desempenho do Plano Real, destacou Margorete Demarchi, técnica do Deral da Secretaria da Agricultura.

Das 80 mil toneladas de feijão que o governo vinha importando para suprir o consumo, 60 mil eram de feijão preto. E este ano, o governo está sem estoque regulador e a perspectiva de aumento da demanda já provoca apreensão. A formação de estoques de feijão preto foi prejudicada com a alta no preço do tipo carioca, neste início de ano, que determinou o aumento da demanda por feijão preto. O quadro pode se agravar, em consequência da falta do produto para importar, e aqui, no Paraná, maior produtor nacional de feijão preto, a colheita vai ocorrer somente no final do ano, ao contrário do feijão de cor, que é produzido o ano inteiro nas diversas regiões do país.

O abastecimento de arroz, outro produto básico no mercado interno, também não preocupa, afirma Margorete. Apesar da safra do Rio Grande do Sul, que abastece 40% do mercado nacional, este ano ser menor, as estimativas de produção, de 10,8 milhões de toneladas, empatam com as de consumo, avaliadas em 11 milhões de t. Os estoques de passagem garantem a colocação de 968 mil t. no mercado, sendo que se houver necessidade de importação, não será superior a 900 mil toneladas, este ano, previu a técnica.

Na verdade, o plano não é bombástico e qualquer movimentação indicando aumento significativo do consumo deverá ocorrer mais para frente com o esclarecimento dos fatores que ainda provocam inquietação entre os produtores rurais. Na verdade, o plano já está em vigor desde o dia 1.º de março e o quadro econômico não é tão bom assim, com forte retração de demanda.

Até a farinha de mandioca, produto mais consumido no Nordeste brasileiro está com o mercado retraído por absoluta falta de renda do consumidor. A redução drástica da produção baiana, de 6 milhões de toneladas para cerca de 2 milhões, não foi fator suficiente para provocar reação nos preços do produto, comercializado abaixo do mínimo estabelecido, avaliou o técnico Methódio Groxko, do Deral. Ele não acredita que o Real vá aumentar substancialmente o consumo do produto a curto prazo.

Com a queda da produção nordestina, o Paraná se sobressai como primeiro estado produtor de raiz de mandioca, devendo colher este ano de 3,5 a 3,8 milhões de toneladas.

